

## 1948 – MARX E A REVOLUÇÃO EUROPEIA DE 1848

### PARTE I

Por Karl Korsh

Texto do filósofo alemão a propósito dos 100 anos das revoluções de 1848. Original in “Marx Stellung in der europäischen Revolution von 1848”, *Die Schule*, III, 5, Maio de 1948. Tradução portuguesa de B. A., a partir da versão francesa de Serge Bricianer, in “Karl Korsch, Marxisme et Contre-Revolution”, Editions du Seuil, Paris, 1975. Este texto foi extraído de *La Bataille Socialiste*.

Como acontecera já durante a Primeira Guerra mundial, os alemães viram-se acusados durante a segunda e até hoje de não serem democratas. Não apenas os alemães de Hitler, mas todos os alemães; não apenas de hoje, mas de todos os tempos; não só no aspecto exterior, mas na sua natureza íntima. Diz-se que só uma reeducação longa e severa, recorrendo aos mais rigorosos métodos de coerção, conseguirá talvez a prazo mudar de alto a baixo esta natureza a-democrática do povo alemão; apenas por este meio poderão os alemães elevar-se ao nível histórico das nações ocidentais, com isso ficando estas últimas ao abrigo de qualquer nova iniciativa destes bárbaros atrasados contra a civilização democrática.

Do ponto de vista histórico, não há nada nessas acusações que não venha sendo dito e redito, há cem ou cento e cinquenta anos, por todos os bons europeus na Alemanha. Primeiro, foram os grandes apóstolos idealistas da educação progressiva do género humano e da nova concepção da história, vista como uma evolução no sentido da liberdade e da beleza, da razão, da cidadania universal e da paz perpétua. A esta primeira geração dos Lessing, Kant, Klopstock, Schiller, que tinha tido ligação com os Ingleses e os Franceses do século das Luzes, dos quais a inspiração e as ideias conheceram de seguida um desenvolvimento autónomo e majestoso, sucedeu a geração dos pensadores diretamente tocados pelos prodigiosos acontecimentos da grande Revolução francesa, e em cujo sistema, segundo as palavras de Hegel, « a revolução veio inscrever-se e articular-se na forma do pensamento ». Chamada a prosseguir sem paragem até 1840, esta evolução filosófica não era na realidade senão uma manifestação, no domínio intelectual alemão, do processo histórico universal que se perpetuou para lá de Waterloo e de Versalhes, e no quadro do qual os tribunos, homens de estado e generais da Revolução

francesa, os Brissot e os Danton, os Robespierre e os Napoleão, não contentes com ter instituído em França a república burguesa moderna, criaram-lhe por acréscimo um enquadramento apropriado em todo o continente europeu. Esta geração de pensadores e de poetas, visivelmente imbuídos do espírito da Revolução francesa, não viu nenhum crítico, nem do Oeste nem do Leste, vir censurar-lhe, como uma traição infame ao espírito democrático moderno, o facto de alguns dos seus melhores representantes terem partilhado, após o entusiasmo, a desilusão que o triunfo desta revolução havia de suscitar em todos os países da Europa e até na própria França. Na sua amarga realidade, a sociedade burguesa saída da Revolução fazia, com a ideia sublime dos seus resultados, que tinham formado os que com ela tinham cooperado ou a tinham aclamado, um contraste tão grande como com o heroísmo sem limites, a abnegação, as angústias, a guerra civil e as carnificinas com que fora preciso pagar a sua vinda ao mundo. Portanto não admira que também na Alemanha, país que a Revolução francesa tinha tocado mais diretamente, a adesão apaixonada « aos ideais de 1789 e 1793 » devesse cedo ceder o seu lugar, enquanto com o romantismo político, o legitimismo, o culto das instituições e das ideias medievais, o irracionalismo de princípio, a « teoria orgânica do Estado » e a « escola crítica », surgia uma reviravolta desastrosa, com a calúnia sistemática das mesmas ideias a que certas cabeças do novo movimento haviam prestado a mais inflamada das adesões, bem pouco tempo antes.

Se queremos julgar convenientemente as noções datadas desse tempo, noções de novo consideradas com particular enlevo demonstrativas da natureza radicalmente antidemocrática do espírito alemão, é preciso não esquecer que nesse momento a França vivia a época da Restauração, que na Inglaterra dominava uma tendência nascida em 1789 que permanecia ferozmente hostil aos ideais da Revolução francesa e que só havia de desarmar com a época das reformas de 1830-1846, e que no continente todas as potências europeias, à excepção apenas da Turquia, constituíam, com o apoio da Inglaterra, uma « Santa Aliança » decidida a reprimir pela força qualquer nova propagação das ideias e dos movimentos inspirados na Revolução francesa.

Nesta perspectiva histórica, é preciso por outro lado perguntar que forças estiveram na origem da renovação dos princípios democráticos, que surgiu no continente europeu a partir de 1830, que dificuldades particulares defrontaram elas e que alterações resultaram desse facto para o progresso democrático. Só assim é possível compreender como pôde acontecer que na Alemanha, até ao virar do século, a democracia não chegou

a obter uma vitória completa, indiscutível e definitiva. Constatar que na França a Restauração sucedeu à Revolução, depois a ditadura bonapartista ao renovamento democrático de 1830 e de 1848, após o que, nos finais do século, o triunfo aparente dos republicanos quando do caso Dreyfus foi seguido a taco a taco de uma reação militarista, clerical e monárquica, bem mais forte e áspera, antecipando o fascismo sob vários aspectos, é constatar ao mesmo tempo que o desenvolvimento restrito e definitivamente insuficiente das forças democráticas na Alemanha constitui, não um fenómeno especificamente alemão, mas a forma particular de uma evolução comum a toda a Europa.

Quando as comparamos às grandes revoluções europeias que, na Inglaterra e na França dos séculos XVII e XVIII, tiveram por efeito, após dezenas de anos de duros combates, transformar de alto a baixo o Estado e a sociedade, as revoluções dos séculos XIX e XX não passam de uma forma mirrada e distorcida d' « a » revolução. O próprio Karl Marx, que alguns anos mais tarde se arvorou em crítico implacável desta submissão ideológica dos revolucionários do século XIX às tradições gloriosas do passado, havia ele próprio de se mostrar submetido a essas mesmas ideias tradicionais, enquanto participava na revolução alemã de 1848. Durante esta única revolução democrática que conheceu o século XIX, e enquanto tudo levaria a crer que as duras lutas dos seus anos de aprendizagem política teriam tido por consequência levá-lo a abandonar a óptica revolucionária burguesa, na realidade Marx não defendeu de modo nenhum um programa de revolução social ou socialista que transcendesse os objetivos da burguesia. Pelo contrário, fez questão de, sempre que a ocasião se proporcionava, incitar esta revolução burguesa a tomar por modelo a Revolução francesa, em particular a sua fase jacobina de 1793-1794.

A título de exemplo, por muitos outros do mesmo género, eis uma passagem do artigo que Marx redigiu a 11 de Dezembro de 1848 para a *Nova Gazeta Renana*, onde este carácter das críticas por ele dirigidas à revolução alemã ressalta com a maior nitidez. Começando por descrever a traços de fogo a grandeza histórica das revoluções de 1648 e de 1789, Marx dizia que se tratava na ocorrência não já « de revoluções inglesa e francesa, mas de revoluções de estilo europeu. Elas não eram a vitória de uma classe determinada da sociedade sobre o antigo sistema político, mas a proclamação de um sistema político válido para a nova sociedade europeia ». E prosseguia assim: « Não há nada disto na revolução de Março na Prússia. (...) Longe de ser uma revolução europeia, não passava do eco enfraquecido duma revolução europeia num país atrasado. (...) A revolução de

Março na Prússia nem sequer era nacional, alemã, era desde a origem provincial, prussiana. As insurreições de Viena, de Cassel, de Munique, levantamentos provinciais de toda a espécie a acompanhavam e lhe disputavam o primeiro lugar. (...) A burguesia prussiana não era a burguesia francesa de 1789, a classe que, face aos representantes da antiga sociedade, da realeza e da aristocracia, encarnava por si só toda a sociedade moderna. Descida à condição de uma espécie de casta (...), longe de representar uma categoria social do antigo Estado que tivesse conseguido romper, ela tinha sido lançada por um tremor de terra à superfície do novo Estado, mostrando os dentes aos de cima, tremendo perante os de baixo, egoísta face a ambos e consciente desse egoísmo, revolucionária contra os conservadores, conservadora contra os revolucionários, desconfiada das suas próprias palavras de ordem, fabricando frases em vez de criar ideias, intimidada pela tempestade universal, mas explorando essa tempestade (...), sem iniciativa, sem fé nem em si própria nem no povo, sem vocação histórica – um velho maldito, sem olhos, sem ouvidos, sem dentes, sem nada, votado a guiar e a desencaminhar em função dos seus interesses caducos os primeiros impulsos juvenis de um povo robusto – tal era a burguesia prussiana quando após a revolução de Março se encontrou no limiar do Estado da Prússia. »

Apesar desta crítica percuciente das fraquezas e insuficiências das lutas que se desenrolavam sob os seus olhos, Marx ateve-se a palavras de ordem que permaneciam no quadro de uma grande revolução democrática, do mesmo tipo da Revolução francesa do século XVIII. Com efeito, ele impôs-se como tarefa opor às ações do movimento existente, que recuava perante os seus objetivos próprios, audaciosas palavras de ordem do passado, tais como as reivindicações da *república una e indivisível*, do *armamento do povo*, da *ditadura revolucionária* e do « *Terror* ». Neste plano ele chocou de imediato com obstáculos insuperáveis. As reivindicações pré-citadas eram retiradas do arsenal da Revolução francesa. Eram os símbolos de um movimento que levou ao estabelecimento da sociedade burguesa. Mas, dado o emburguesamento gradual da sociedade europeia entretanto ocorrido, elas interessavam agora tão pouco a grande burguesia e uma parte da pequena que Marx apenas podia divulgá-las publicamente sob uma forma muito geral ou muito insossa. É assim que a 6 de Junho de 1848 ele iniciava na *Nova Gazeta Renana* a sua campanha a favor das menos desagradáveis das palavras de ordem jacobinas supracitadas com a declaração seguinte: « Nós não pedimos, o que seria utópico, que seja proclamada *a priori* uma *república alemã una e indivisível*. » E deslocava a questão do

terreno da ação imediata para o do desenvolvimento futuro quando acrescentava: « a unidade da Alemanha, tal como a sua constituição, só podem resultar de um movimento ». Mais, o « órgão da democracia » dirigido por Marx, enquanto subia constantemente de tom, não deixava de manejar com extrema circunspeção estas palavras de ordem mais avançadas da luta por objetivos democráticos.

Marx, renunciando assim a expor abertamente o programa integral da revolução democrática, fazia-o em função de uma tática previamente fixada; e não restam dúvidas que, considerada sob ponto de vista histórico, esta tática revela-se já prenhe da contradição fundamental, inerente à posição de Marx na revolução de 1848. Ele recusava-se a opor às realidades da revolução burguesa uma utopia socialista. Não obstante, persistia em querer impor a este movimento revolucionário dos tempos presentes formas de ação dos tempos passados, nada adequadas às condições atuais deste último. Assim, esta tentativa de elevar a revolução democrática de 1848 ao mais alto nível, o que a revolução burguesa tinha atingido numa fase anterior e transitória do seu desenvolvimento, se nos apresenta, tendo em conta a mudança das condições históricas entretanto ocorrida, tão utópica como seria nessa época a propaganda direta do socialismo.

O contraste entre as condições imaginadas por Marx e as condições efetivas da revolução de 1848, que ele viveu e em que participou, torna-se mais óbvio precisamente nos pontos em que a sua crítica dos pontos fracos desta revolução, considerada sob um ponto de vista a-histórico, parece mais bem fundada e onde o conteúdo real daquela fica mais aquém das reivindicações por ele formuladas. Citemos a este propósito a política provinciana, a política de campanário alardeada por todos os dirigentes nacionais e locais e, em contraposição, o *internacionalismo* de grande estilo de que Marx nunca se afastou quando tratava, na *Nova Gazeta Renana*, da relação da revolução prussiana e alemã com o movimento que se desencadeava ao mesmo tempo na Europa inteira.

(Parte II no próximo número da revista)